

Mala Direta Postal

9912356193/2014-DR/RS AGPTEA

..CORREIOS.





ANO XIII • Nº 41 • MARÇO DE 2015

Na companhia de amigos, professor redescobre os Andes em viagem de motor home pela América do Sul

PÁGINAS 6 A 10



ENTREVISTA - LUÍS ANTÔNIO ALCOBA DE FREITAS Secretário-adjunto da Seduc fala sobre os projetos para melhorar a educação no RS BIODIVERSIDADE EM XEQUE A evolução do extrativismo de plantas nativas no Brasil e no Rio Grande do Sul

PÁGINAS 14 E 17



É época de transição, de folhas caindo e de frutos amadurecendo. É tempo de reflexão, transformação e renovação. Bem-vindo, outono!





PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DA ASSOCIAÇÃO GĂÚCHA DOS PROFESSORES TÉCNICOS DO ENSINO AGRÍCOLA - AGPTEA

DIRETORIA AGPTEA

PRESIDENTE Sérgio Luiz Crestani

VICE-PRESIDENTE ADMINISTRATIVO Celito Luiz Lorenzi

Elson Geraldo de Sena Costa

VICE-PRESIDENTE DE ASSUNTOS SOCIAIS Inão Feliciano Soares Rigon

> SECRETÁRIO GERAI Aldir Antonio Vicente

Denise Oliveira da Silva

TESOUREIRO GERA

Carlos Fernando Oliveira da Silva

PRIMEIRO TESOUREIRO Danilo Oliveira de Souza

CONSELHO FISCAL Telvi Favin Vanderlei Gomes da Silva Mario Ubaldo Ortiz Barcelos

Getulio de Souza Antunes Carlos Augusto Natorp Fontoura

> Fritz Roloff REDAÇÃO

CONTATOS 51 3225.5748 51 9249,7245 letrasdaterra@agptea.org.br

IORNALISTA RESPONSÁVE Natália Cagnani - MtB 15509

> FOTO DE CAPA Armin Aurich

DIAGRAMAÇÃO ROSANA RADKE rosanaradke@gmail.com

> IMPRESSÃO Sônia David Multicomunicação 51 9982.7534

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO 4 mil exemplares



Av. Getúlio Vargas, 283 Fone/Fax 51 3225.5748 Menino Deus - 90150-001 Porto Alegre - Rio Grande do Sul adm@agptea.org.br www.agptea.org.br



O ano de 2015 marca um novo início, uma nova etapa, uma transição. É o recomeço das aulas, do sábio ensinamento dos professores do ensino agrícola e também da revista Letras da Terra que se reinventa.

Em sua 41ª edição, vamos conhecer mais histórias de vida dos nossos leitores e mais exemplos de escolas gaúchas que são destaque em sua forma de ensinar. Vamos compartilhar as expectativas para o setor agrícola e o conhecimento de quem acompanha de perto o que acontece ao nosso redor através dos artigos enviados pelos nossos colaboradores. Vamos contar as experiências, os projetos e as novidades da Associação Gaúcha de Professores Técnicos de Ensino Agrícola.

Para manter os nossos leitores no Rio Grande do Sul e no Brasil afora próximos dos bastidores que tangem a AGPTEA e o ensino agrícola, eu estou dando continuidade ao trabalho da jornalista Dóris Fialcoff. Talvez você ainda não me conheça, mas eu tenho acompanhado a Letras da Terra bem de perto desde 2011, como revisora de todos os textos, artigos e entrevistas que passaram por aqui.

Meu nome é Natália Cagnani. Sou jornalista formada pela Unisinos, em São Leopoldo, e trabalho nesta área há mais de 8 anos. Morei durante algum tempo nos Estados Unidos e passei por algumas empresas importantes para a minha formação profissional, como o Grupo RBS, a Good Card, a Prefeitura de Porto Alegre e a Sisnema.

Agora, desde a edição de número 39 que saiu em setembro do ano passado, como editora, eu participo da escolha das pautas, preparo entrevistas, faço revisões e edições, e escrevo tudo o que você lê aqui, aliás, quase tudo. Desde que me tornei a jornalista responsável, tenho recebido muitas contribuições, inclusive de professores que se tornaram grandes parceiros, a quem aproveito a chance para agradecer.

Quem quiser participar, pode entrar em contato comigo pelo e-mail da Letras da Terra, que aparece aqui ao lado nos contatos da redação.

Boa leitura a todos!

NATÁLIA CAGNANI



Preservação ambiental, integração e trabalho cooperativo pautam educação em São Lourenço do Sul

Preservar. Esta é uma das licões que a Escola Técnica Estadual Santa Isabel quer ensinar aos cerca de 300 alunos que frequentam a instituição a cada ano. Preocupada com a preservação ambiental, a escola conta com uma extensão de 200 hectares de terra utilizada para produção agrícola, pecuária, realização de experimentos e projetos de pesquisa. A conservação pode ser observada no cuidado com os acudes e nascentes da propriedade, bem como, na manutenção dos ambientes. E esta consciência já vem inserida na própria filosofia da escola, que incentiva o trabalho cooperativo, baseado na integração, liberdade de expressão. responsabilidade e compromisso. "A escola desenvolve vários projetos com ênfase nos temas que dão conta da preservação ambiental", completa a diretora Maria Izabel Padilha Nunes.

Criada a partir de um decreto, em 1957, sob o nome de Ginásio Agrícola Santa Isabel, o local passou por uma reestruturação no ano seguinte, promovida pelo Conselho Estadual de Educação, que possibilitou a implantação do Ensino Médio e Técnico. Situada no 1º distrito de São Lourenço do Sul, na Metade Sul do Rio Grande do Sul, a 180 quilômetros da capital gaúcha, a Escola Técnica conta com um grupo de 56 profissio-



nais entre professores e funcionários na área construída de aproximadamente 5.000m².

PRÁTICA PROFISSIONAL COM **RESPALDO NA TEORIA**

Em busca de qualificação, em especial para o Curso Técnico em Agropecuária, que alia conteúdo teórico às aulas práticas, muiutilizam o ônibus escolar, há ainda a opção de semi-internato.

Entre as práticas profissionais disponíveis na Escola Técnica Estadual Santa Isabel, os alunos podem aprender sobre Suinocultura, Avicultura, Apicultura, Ovinocultura, Bovinocultura, Silvicultura, Olericultura, Fruticultura, Agroindústria, Pequenos Animais, Farmácia Caseira e Plantas Medi-



cinais.









Observados de perto, animais enriquecem aprendizado dos estudantes

UMA HISTÓRIA DE CONQUISTAS E **DESAFIOS**

No currículo escolar, a instituição zela pela qualidade do ensino, recompensada quando os alunos são encaminhados para o tão aguardado mercado de trabalho por meio de estágios, seguidos pela efetivação e até aprovação em concursos. E tem também novas aquisições em termos de infraestrutura para a educação. Um ônibus escolar conduzirá viagens de estudo e visitas para auxiliar na aprendizagem da teoria na prática. Além disso, a escola contará com auxílio financei-

Alunos durante as aulas práticas da instituição

ro para investir em projetos de Agroecologia. Para 2015, mais novidades. A instituição planeja iniciar o Curso em Agroindústria, entre outras novas opções de cursos técnicos.

A escola também investe em projetos como complemento ao que é ensinado dentro da sala de aula e no campo. Os trabalhos principais destacaram como tema uma pesquisa sobre a comunidade, agroecologia e a agricultura familiar, que teve destaque na Mostratec, feira de ciência e tecnologia realizada anualmente pela Fundação Liberato na cidade de Novo Hamburgo.

Como nem só de conquistas vive uma

instituição, alguns desafios pairam sobre a mesa da diretora Maria Izabel Padilha Nunes. Ela conta que prédios e setores escolares precisam passar por reformas. Um deles é o auditório, que ganhará uma reestruturação completa graças à Consulta Popular, além de viabilizar um Laboratório de Solos. Ainda na área das obras, a meta é também construir uma cancha de atletismo. "Nós estamos buscando parcerias com várias entidades afins. A escola está constantemente em busca de renovação, inserindo-se nos programas de educação, procurando novos recursos", conta Maria Izabel.









POR NATÁLIA CAGNANI

Uma sucessão imensa de picos nevados, intercalados em meio a paisagens incessantes de serra. Vulcões ativos e extintos. Montanhas, vales e geleiras milenares a perder de vista. Temperaturas baixas, pouco acima e até abaixo de 0°C, em pleno inverno. Subidas, descidas e curvas pra lá de acentuadas em estradas longas, contínuas e infinitas. Este foi o cenário que reuniu quatro amigos em uma viagem de 128 dias pela Cordilheira dos Andes, mais de 20 mil quilômetros de estrada e muita história na bagagem para contar.

QUEM SÃO OS OVERLANDERS

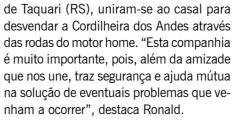
O roteiro para a viagem pela América do Sul, que teve início em julho de 2014, começou a ser traçado em Taguari, no Rio Grande do Sul. Há 25 anos, quando se aposentou do magistério agrícola, Ronald Luiz Spindler, 77 anos, associado da Associação Gaúcha de Professores Técnicos de Ensino Agrícola (AGPTEA), e sua esposa, a dona de casa Iris Lisa Spindler, 77, foram com os filhos para o Mato Grosso. Alguns anos mais tarde, depois de encaminhá-los e deixá-los com toda a estrutura necessária, o casal decidiu trocar a residência fixa por uma casa móvel: um motor home. "Há oito anos, deixamos nossos filhos estabelecidos no Mato Grosso e nos tornamos moradores de uma casinha de lata sobre rodas. Rodamos todos os estados brasileiros diversas vezes, exceto o Amapá, onde fomos de navio, e conhecemos também todos os países da América do Sul, com exceção ao Suriname e a Guiana Francesa", conta o professor aposentado.

Ronald também explica que os viaiantes que cruzam uma sucessão de países em viagens desse tipo são chamados de "overlanders". Além do motor home, que já é bem familiar entre os brasileiros que vivem na estrada, inclusive entre europeus que vêm visitar o País, há quem prefira aventuras um pouco mais radicais na companhia de motos, bicicletas e até mesmo a pé.

O casal, porém, não é o único veterano nesta viagem pela América do Sul. Com mais de 100 mil quilômetros rodados em parcerias anteriores, o irmão de Iris, técnico Master em Mecatrônica Armin Ernesto Aurich, 74, e sua esposa, a professora de mú-

sica Sônia Mônica Aurich, 74, moradores





PLANEJANDO UMA VIAGEM DE **MOTOR HOME**

A ideia de viajar com os dois motor home pela América do Sul surgiu da vontade de conhecer mais sobre as diversas culturas que cercam o Brasil. Inclusive, tornou-se um hábito, já que os amigos estão constantemente na estrada, Isso, de certa forma, é um aliado a mais, porque a cada nova viagem, novas informações são coletadas, enriquecendo a experiência de cada rota tra-

Para montar o roteiro, a internet foi essencial. Lá muitos viaiantes que iá visitaram um determinado destino compartilham suas experiências (lugares para visitar, dificuldades, dicas). Outra boa fonte, segundo o professor, está nos sites de turismo com dados gerais e oficiais sobre os países. E para complementar, mapas e informações locais. Ronald ainda acrescenta que viagens longas devem levar em consideração as particularidades de cada país a ser visitado como equipamentos adicionais no carro, câmbio da moeda, projeção de gastos (alimentação, combustível, pedágios), hospedagem em campings ou locais de estacionamento, sem contar o conhecimento básico da história, cultura e gastronomia de cada lugar. "É im-



portante preparar-se psicologicamente ao passar pelas aduanas de fronteiras, inclusive controle sanitário dos alimentos, e fazer o seguro obrigatório. Para os países do Mercosul, o seguro é chamado de Carta Verde e deve ser feito em seguradoras do Brasil. Para os demais países da América do Sul, o nome do seguro é SOAT, feito ao entrar no país", complementa.

Além do itinerário, é importante estar em dia com a mecânica do carro para evitar ou minimizar problemas futuros, portar passaporte e licença internacional de motorista, inclusive para viagens na América do Sul, e documentos do carro. Também é bom verificar se há exigência de vacinas para visitar os países que integram o roteiro e fazer um bom seguro de saúde/viagem.

Para a parte financeira, vale manter um estoque variado com reais e dólares, além de cartões de crédito e débito com opções em mais de uma bandeira, ensina Ronald. O professor aconselha em média US\$100/ dia para cobrir despesas do carro (combustível, óleos, pequenos reparos mecânicos, pedágios), alimentação, campings, pequenas excursões (vans, barcos, guias) e souvenires. Nas casas de câmbio, algumas trocam reais pela moeda local, enquanto outras só trabalham com a troca de dólares pela moeda local.

CRUZANDO A AMÉRICA DO SUL **PELOS ANDES**

Partindo do município gaúcho de Taguari, Ronald, Iris, Armin e Sônia foram em direção a São Borja para entrar na Argentina, através da Província de Corrientes. Lá, o grupo atravessou o Chaco Argentino, região semi-árida, que lembra uma savana, rumo a noroeste, beirando o Paraguai. Ao chegar à parte norte, já perto da Bolívia, a paisagem tem uma topografia plana, com grandes lavouras de grãos.

Aliás, foi na Bolívia que o grupo teve o primeiro contato com a Cordilheira dos Andes. Da janela dos dois motor homes, os quatro amigos tiveram a companhia, durante boa parte da viagem, de uma vasta cadeia de montanhas, a maior do mundo em comprimento, que se estende por toda a Costa Oeste da América do Sul e que compõe a paisagem de sete países: Chile, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Argentina e Venezuela. "Rodamos seguramente mais de 5 mil quilômetros por entre as montanhas, com uma sucessão interminável de serras. Atingimos a altitude máxima de 4.500m. Em nossas viagens anteriores pela Cordilheira, nós a cruzamos transversalmente, mas agora, rodando em direção longitudinal, sentimos suas verdadeiras dimensões", lembra o professor.

A rota da Cordilheira dos Andes, que conta com cerca de 8 mil quilômetros, foi marcada pela impressionante paisagem composta por picos nevados, vales e vulcões, alguns ativos e outros já extintos, e também



pelas estradas repletas de subidas, descidas e curvas bem acentuadas, em variações de 180 graus a até quase 360 graus. Outro acompanhante, este não tão amigável, foi o frio. "Em majores latitudes, as temperaturas oscilam no inverno entre vários graus abaixo de zero pelo amanhecer e alguns poucos graus acima de zero, durante o dia. Vivenciamos uma temperatura de -11º C. Nestas condições o diesel congela, é necessário usar aditivo especial", relata Ronald.

Na região, é praticada a agricultura de subsistência, totalmente manual e sobre terrenos com grande declive. São cultivadas diversas variedades de batata (planta originária dos Andes), milho, quinoa, trigo e outros alimentos. Artesanato e la são grandes geradoras de renda. As mulheres, chamadas "Cholas", com saias longas, vestidos e aventais superpostos, carregam muito peso nas costas, produtos ou lenha enrolados em um pano, inclusive com crianças no colo, para comercializar em feiras. "As estradas de uma maneira geral, oscilam de boas para muito boas. No entanto, o tráfego nas cidades beira o caótico, e nas estradas, por conta das curvas apertadas, nas subidas os caminhões com carretas, chamadas mulas na Colômbia, invadem a outra pista, e os despenhadeiros estão à espreita", relembra o aposen-

Na Bolívia, parada para visita a algumas cidades. A primeira delas, Potosi, situada a 4.000m, é conhecida pelas minas de prata que foram extraídas no século XVII pela Espanha. Na época, a cidade era mais populosa e mais desenvolvida de Madrid. A montanha Cerro Rico, a 5.000m, continua a ser explorada. A próxima atração foi Sucre, a capital constitucional do país, composta por prédios de grande valor histórico.

A terceira parada em território boliviano contemplou o famoso Salar de Uvuni, uma superfície plana de 12 mil quilômetros formada por uma vasta espessura de puro sal, quantia estimada em 10 bilhões de toneladas. O centro do deserto salino conta com uma ilha, formada por uma elevação de pedras, formações de recifes e cactos gigantes. Os turistas podem passear por lá em jipes em percursos que duram mais de uma hora em linha reta e em alta velocidade.

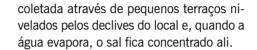
O mais alto lago navegável do mundo e o maior em volume de água da América do Sul, o Lago Titicaca, com uma altitude de 3.800m e localizado na fronteira entre Bolívia e Peru, foi a última parada no país. Reza a lenda andina que as águas do Titicaca foram o berco para o nascimento da civilização inca. Entre as 41 ilhas que compõem a paisagem local, algumas inclusive densamente povoadas, há uma de etnia Uros, formada por pessoas que vivem ilhas em flutuantes construídas pelos próprios moradores. Lá não há como praticar agricultura, peixe e aves silvestres são a base da alimentação. Na ilha Taquire, por sua vez, a agricultura é praticada em condições muito difíceis. Os homens são grandes tecelões, e a renda adicional vem do turismo e do artesanato.

Para chegar ao Peru, o grupo fez um desvio por Nuestra Señora de Copacabana, cidade no lado boliviano que atrai muitos visitantes. "Estivemos em Copacabana em um dia santificado, com benção dos automóveis e vans pelo padre local. Todos estavam muito enfeitados com flores e fitas muito coloridas", conta Ronald. Ainda à beira do Lago Titicaca vem a primeira cidade peruana visitada, Puno, ponto de partida para navegação no lago. De lá, os quatro segui-



ram para Cusco, a capital inca, reconstruída sobre alicerces e ruínas deste povo. Outro ponto histórico é o Vale Sagrado, que reúne várias cidades históricas, ruínas incas, terraços e aquedutos.

Por falar em história, uma visita ao Machu Picchu não poderia ficar fora da rota dos amigos. Considerada uma das sete maravilhas do mundo e também chamada de "cidade perdida", o local é cercado de enigmas a respeito de sua criação. Descoberto por arqueólogos em 1910, o conjunto de ruínas incas, localizado no topo de uma montanha, a 2.400m, só pode ser alcançado por meio de trilhas ou de trem, a opção mais popular. Outra parada destacada pelo grupo é a Salina de Maras, para a produção comercial de sal de cozinha a partir da água salgada que escorre da montanha. Ela é





Grupo durante passeio pela Reserva Nacional Ilhas Ballestas, no Peru

Além de Machu Picchu, mais um lugar é rondado por mistérios em território peruano. Trata-se de Nazca, conjunto de geoglifos antigos, na forma de desenhos geométricos enormes, localizado no deserto que leva o mesmo nome. A região árida entre o Pacífico e a Cordilheira dos Andes foi designada patrimônio mundial pela Unesco na década de 90, só podendo ser avistada do alto em voos de aviões monomotores. Às margens do Pacífico, Ronald, Iris, Armin e Sônia passaram por um porto pesqueiro chamado Paracas/Pisco. De lá saem excursões para as Ilhas Ballestas. A paisagem no trajeto rumo ao norte, ao longo do Pacífico, é dominada por regiões muito áridas, com enormes dunas que emolduram o cenário que cerca a Estrada Panamericana. Na capital Lima, rica em cultura e história, espa-

lhadas pelas ruas, por ornamentos e construções em toda a cidade, os amigos se encantaram com o bairro Miraflores. E saindo da cena urbana, de volta à natureza, a visão de dentro de cada motor home dava para a Cordilheira Branca, acompanhada de mais uma sucessão de picos nevados.

De volta à estrada, o Equador é o próximo destino do grupo, com início na cidade histórica de Cuenca. Ronald conta que o local é muito parecido com Cusco, marcado pela forte influência inca. O passeio também contemplou uma volta pela orla de Guavaquil/Porto do Pacífico e pelas águas termais de Baños, pequena cidade entre montanhas e cachoeiras, aos pés do vulção ativo Tungurahua, a mais de 5.000m acima do nível do mar. "A borda Oriental dos Andes, no lado amazônico, contém um lindo bioma amazônico, mesmo a 1.000m de altitude. A avenida dos vulcões, denominação cunhada por Alexander Von Humbold, define a linha de vulções ao sul e arredores de Quito. O país detém a maior concentração de vulções

da Sudamérica", ensina o professor. Localizada no "meio do mundo", a capital Quito preserva o melhor centro histórico da América Latina, o que lhe rendeu o título de patrimônio da humanidade pela Unesco. "Nos arredores, ao norte, passa a linha do Equador. Ao redor foi construído um parque, denominado 'La mitad del Mundo', com monumento, museus e locais de outras informações afins. A linha do Equador foi aí determinada por uma missão francesa, em 1750, sendo no globo terrestre, em Quito, o ponto de maior altitude demarcada (2.500m). Próximo dali, cerca de 150m, está o parque temático alternativo, Museu do Índio Inti-Ñan, onde está demarcada a linha do Equador com GPS militar", complementa Ronald. Para completar a visita ao Equador, os quatro passaram ainda por Otavalo, ao norte de Quito. A cidade possui a maior feira ao ar livre de artesanatos indígenas e outros produtos do país e, talvez, da América do Sul.

Na Colômbia, a atenção do grupo foi logo direcionada para a extrema preocupação do país com a segurança, visível através do intenso policiamento e pelo armamento pesado tanto nas cidades quanto nas estradas. Além disso, a entrada em território colombiano também foi marcado pelo movimento intenso de caminhões pesados e muitas obras. Passada a primeira impressão, a pri-

meira cidade visitada foi Cali, que surpreendeu os amigos pela beleza arquitetônica e paisagística das ruas, intercalada a árvores mais antigas, praças e monumentos. Outro lugar que chamou a atenção dos quatro foi a região cafeeira, um dos principais destinos turísticos da América Latina. Denominada de Paisagem Cultural Cafeeira, a região circundada pela mata de verde intenso contempla os estados de Quindío, Caldas e Risaralda. "O famoso café colombiano, pela sua qualidade, em grande parte é co-Ihido grão a grão, no ponto de cereja. Visitamos o lindo e muito ilustrativo Parque Nacional do Café, na região de Armênia, onde se destaca o Museu do Café, com roteiro histórico e tecnológico, de ponta a ponta, em um lindo prédio, inspirado pelas construções típicas de fazenda", descreve o apo-

Em solo colombiano, os quatro amigos ainda passaram por Bogotá (mais de 7,5 milhões de habitantes), com direito a passeio panorâmico pelo Cerro Monteserrate de teleférico e pela Quinta do Libertador Simon Bolívar; Medellin (2,5 milhões de habitantes), centro universitário e cultural, para mais um passeio de teleféricos interligados com as linhas do metrô urbano; Caribe, parte do Atlântico entre o norte da América do Sul e a América Central, com água cristalina e azul anil; Cartagena das Índias (mais um patrimônio cultura da humanidade), cercada pelo azul do Caribe, ruelas, muralhas e casarões com os famosos balcões espanhóis cheios de flores; e Santa Marta, importante porto, famoso por ter acolhido o libertador Simon Bolívar. "Equador e Colômbia, países que não conhecíamos ainda, nos surpreenderam pela sua modernidade e desenvolvimento. Ambos praticam agricultura e bovinocultura de leite, com bom nível tecnológico", entrega o professor.

Saindo da Colômbia e chegando à Venezuela, o grupo conta que o impacto foi bem negativo. Um dos pontos se deve ao contrabando de combustível, que torna o preço no país irrisório, desvalorizando o produto e estimulando o esbanjamento. Segundo Ronald, o primeiro abastecimento foi gratuito, por gentileza do posto aos brasileiros. Outro aspecto negativo que chamou a atenção foi a quantidade, em grande volume, de carros americanos, as "banheiras", mal conservados. Sem contar o excesso de automóveis e a falta de educação de alguns



Ilha de Uros, no Lago Titicaca



Almoço dentro do motor home, acompanhando pelo Lago Titicaca ao fundo



Problemas à parte, em território venezuelano, os companheiros de viagem passaram pelo Rio Orinoco, um dos principais da América do Sul. Na Ciudad Bolívar, importante centro histórico para a Venezuela que expõe, no jardim do aeroporto, um avião do explorador Jimmie Angel, o grupo embarcou em um voo para conhecer o Parque Natural Canaima. Localizado no sudeste do país, este é o sexto maior parque do mundo e também um dos terrenos mais velhos do planeta, com cerca de 3 bilhões de anos. O lugar concentra uma diversidade de paisagens, desde florestas compactas a rios, cachoeiras e uma enorme área denominada La Gran Sabana, cujo maior exemplar da região é o Monte Roraima (fronteira com o Brasil), com mais de 2.500m de altitude. Ainda dentro do parque, a área chamada Avuantepuv abriga a maior cachoeira do mundo, o Salto Angel, com 979m de queda total e 807m de queda livre.

COMPLETANDO A ROTA EM SOLO BRASILEIRO

O sobrevoo pelo Parque Natural Canaima e pelo Salto Angel marcou a despedida das terras internacionais. Era hora de voltar ao Brasil para completar o roteiro da viagem pela América do Sul. O retorno aconteceu pela cidade de Santa Elena de Uairén, a aproximadamente 15 quilômetros da fronteira com Roraima e a pouco mais de 200 quilômetros da capital Boa Vista. Aliás, a estrada que liga a cidade a Manaus, em seus 120 quilômetros, passa pela reserva dos índios Waimiri-

Às margens do Rio Negro, surge a moderna cidade de Manaus, primeiro destino brasileiro no retorno de Ronald, Iris, Armin e Sônia ao Brasil. O Rio Amazonas, considerado o maior rio do mundo tanto em comprimento quanto em vazão de água, também é atração aos olhos dos turistas gaúchos. A caminho do Pará, os quatro trocaram a estrada, intran-





sitável entre Manaus e Porto Velho devido à manutenção, pelo transporte em um pequeno navio, junto aos dois motor home, em uma viagem que durou 46 horas. "Impressionam as dimensões do rio Amazonas, com sua enorme quantidade de ilhas e a navegação de balsas carregadas com 30 carretas furgões, navegando nos dois sentidos da direção Manaus – Belém", retrata o professor.

Com ajuda do barco, o quarteto passou pela cidade histórica de Santarém, banhada pelo Rio Tapajós, parte do Rio Amazonas. Lá Ronald destaca o povoado Alter do Chão, às margens do rio, formado por praias de areia fina e branca e banhado por águas claras. Por isso, o lugar recebe o nome de "Caribe Brasileiro". De Santarém, os casais voltaram para a rodovia, a BR-163, por onde rodaram cerca de 107 quilômetros na Rodovia Transamazônica até alcançar o Mato Grosso. Neste trecho da viagem, todos lamentaram os 400 quilômetros ainda não asfaltados, prejudicando o transporte pelo local. E foi em Lucas do Rio Verde que os amigos se despediram de mais uma viagem em conjunto, depois de 128 dias na estrada e 20.554 guilômetros percorridos. Iris e Ronald ficaram por lá, enquanto Armin e Sônia seguiram para

No roteiro, o grupo passou pela Argentina, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela e Brasil (Roraima, Amazonas, Pará, Mato Grosso e Rio Grande do Sul). Considerada uma viagem tranquila, além de inspiradora para novos projetos na estrada, Ronald revela que se deparou com poucos contratempos pelo caminho. Tirando a sensação pelas altas altitudes e o frio, o grupo teve poucos problemas mecânicos, alguma dificuldade para conseguir água para os motor home, chuveiros públicos, comunicação por telefone e internet em alguns locais, estacionamento para pernoite e uma manifestação popular, que atrasou o acesso a Uyuni, na Bolívia. 🦓

ARTIGO

A opção por um curso a distância: falta de tempo ou liberdade de escolha

POR MARIA HELENA SCHNEID VASCONCELOS

ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E MESTRE EM ENSINO DE CIÊNCIAS EXATAS

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Educação a distância (EaD) é a modalidade educacional na qual alunos e professores estão separados, fisicamente ou temporalmente e. por isso, faz-se necessária a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação. Essa modalidade é regulada por uma legislação específica e pode ser implantada na educação básica (educação de jovens e adultos, educação profissional técnica de nível médio) e na educação superior. A adoção da EaD deve ser acompanhada de formações e reflexões teóricas e práticas. Em geral, é necessário compreender características, possibilidades, potencialidades e limitações de diferentes formas de ensino, da educação a distância, das tecnologias e dos recursos disponíveis.

CONCEITUANDO A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Para autores como Belloni e Keegan, definir educação a distância não é uma tarefa fácil, até mesmo em função das diversas nomenclaturas estabelecidas em diferentes tempos e contextos: educação a distância, ensino a distância, aprendizagem a distância, estudo independente, estudo por correspondência, aprendizagem aberta, aprendizagem flexível, estudos externos, entre outros.

Segundo Belloni, há uma série de definicões de diversos autores para a EaD, mas ele conclui que as acepções por ela apresentadas "definem a educação a distância pelo que ela não é, ou seia, a partir da perspectiva do ensino convencional da sala de aula" (BELLO-NI, 2003, p. 27). Sob essa perspectiva, para diversos autores, a educação a distância é definida como a separação física entre professor e aluno no processo educacional.

Keegan (1996, p. 38-9) também acredita na característica da separação entre professor e aluno na educação a distância, em contraposição ao ensino presencial convencional. Porém, não considera a distância entre professor e aluno como necessariamente geográfica, uma vez que muitos alunos que buscam essa modalidade de educação nem sempre estão longe das instituições de ensino. Na concepção do autor, a separação professor-aluno se dá no afastamento entre o ato de ensinar e o ato de aprender, que para ele representam dois sistemas operantes da EAD: o subsistema de desenvolvimento de curso (ensino a distância) e o subsistema de suporte ao aluno (aprendizagem a distância).

White designa como marco importante da EAD a contribuição para o desenvolvimento de aprendizes autônomos, independentemente de suas circunstâncias de vida. Enumera como grandes contribuições o acesso à educação, o ajuste a novos ambientes de aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, tanto em termos econômicos quanto em termos de experiências de aprendizagem, uma vez que possibilita ao aprendiz exercer maior autonomia, auto--regulação e controle (WHITE, 2005a, p. 165).

QUANDO SURGIU A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

O surgimento da EAD no mundo comecou em contextos de guerras, nas quais os soldados estudavam durante seus tempos de folga, e depois isso foi aplicado para formar profissionais com o intuito de suprir a demanda de educação na sociedade.

No Brasil, o Ensino a Distância teve seu começo no fim do século XIX, onde um dos primeiros cursos a distância ensinava datilografia por correspondência, e depois as aulas eram passadas pelo rádio. Mais tarde, esse instrumento de aprendizado e as variedades de cursos foram crescendo, conforme as tecnologias e meios de comunicação iam expandindo a fim de suprir a necessidade da educação.

EDUCAÇÃO A DISTANCIA E AS SUAS GERAÇÕES

O desenvolvimento da EaD pode ser descrito basicamente em três gerações, conforme os avanços e recursos tecnológicos e de comunicação de cada época. A primeira geração foi introduzida pelo ensino por correspondência, caracterizada pelo material impresso iniciado no século XIX. Nesta modalidade, por exemplo, destaca--se no Brasil o Instituto Universal Brasileiro atuando há mais de dezenas de anos nesta modalidade educativa no País. A segunda geração foi marcada pela Teleducação/Telecursos, com o recurso conectado aos programas radiofônicos e televisivos, aulas expositivas, fitas de vídeo e material impresso. A comunicação síncrona predominou neste período. A terceira e atual geração chegou inserindo ambientes interativos, com a eliminação do tempo fixo para o acesso à educação, onde a comunicação é assíncrona em tempos diferentes e as informações são armazenadas e acessadas em momentos distintos sem perder a interatividade. As inovações da World Wide Web possibilitaram avanços na educação a distância na geração do século XXI. Hoje os meios disponíveis são: teleconferência, chat, fóruns de discussão, correio eletrônico, weblogs, espaços wiki, plataformas de ambientes virtuais que possibilitam interação multidirecional entre alunos e tutores.

BIBLIOGRAFIA

BELLONI, Maria Luiza. Educação a distância. 3ª ed. Campinas: Autores Associa-

KEEGAN, Desmond. Foundations of distance education. 3.ed. London: Routledge.

WHITE. Cynthia J. Contribution of distance education to the development of individual learners. In:Distance education, Routledge, v. 26, n. 2, p. 165-81, ago. 2005(a).

"A situação precisa ser modificada, e isso só acontecerá a partir de um pacto"

LUÍS ANTÔNIO ALCOBA DE FREITAS Secretário-adjunto da Secretaria Estadual da Educação (Seduc)

A educação no Rio Grande do Sul passa por um momento delicado. Escolas sem a devida estrutura física para receber os alunos. professores sem acesso ao pagamento do piso nacional e a busca por recursos do Governo Federal para sanar, ao menos parcialmente, algumas necessidades básicas do ensino gaúcho. Com o intuito de mostrar as expectativas e as apostas para o desenvolvimento da educação nas escolas gaúchas, a revista Letras da Terra entrevistou o secretário-adjunto da Secretaria Estadual da Educação (Seduc), Luís Antônio Alcoba de

De que forma o senhor analisa o contexto atual da Educação no Rio Grande do

Ao assumir a gestão, nos deparamos com problemas nas estruturas físicas das escolas. Além disso, outra grande dificuldade do contexto atual é a incapacidade do caixa para suportar o pagamento do piso nacional do magistério. Para resolver esta questão, temos que articular, junto ao Governo Federal, a complementação de verbas da União para poder honrar com a lei. Durante a primeira reunião do ministro Cid Gomes com os secretários de Estado da Educação, o secretário da Educação do Rio Grande do Sul, Vieira da Cunha, já levantou este tema e recebeu o apoio de todos os colegas, pois mesmo

aqueles Estados que hoje conseguem pagar o piso, afirmaram que a partir deste ano ficarão inadimplentes após o reajuste de 13,01%. Nós achamos que o professor precisa ser bem remunerado e concordamos com o aumento real de vencimentos, mas precisamos encontrar uma fonte de financiamento para esta obrigação le-

O que pode ser implantado de novo no

A grande meta da nossa administração é

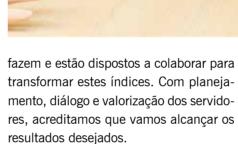
a implantação gradual das escolas de tempo integral, onde as crianças permanecerão, diante de orientação pedagógica, por dois turnos. Também iniciamos recentemente, com outras oito secretarias estaduais, os estudos para a implantação das Comissões de Prevenção a Acidentes e Violência Escolar (Cipaves), uma experiência testada em Caxias do Sul e que proporcionou resultados satisfatórios. Queremos expandir este projeto para as demais regiões do Estado e atacar, principalmente nas regiões de maior vulnerabilidade social, o problema da violência no âmbito escolar, que traz sérios prejuízos ao processo de aprendizagem. Outra prioridade é a retomada com vigor do Ensino Técnico. Reativamos a Superintendência da Educação Profissional do Estado (Suepro) e temos dado atenção especial a este te-

O senhor fala sobre escolas com turno integral e a implantação de tecnologias de informação. Hoje muitas escolas contam com uma infraestrutura básica precária, falta de professores e sem espaço físico para atividades extras. Diante destas condições, como isso será implementado nas escolas gaúchas?

A primeira medida é avaliar a estrutura dos prédios e consultar as comunidades sobre o interesse em aderir a essa modalidade de ensino. Pensamos em começar por áreas com vulnerabilidade social, como as que possuem o programa Territórios de Paz. Como é uma implantação gradativa, cada caso será planejado e as intervenções necessárias serão feitas para bem atender a comunidade escolar.

Na última avaliação divulgada pelo Ministério da Educação, o Rio Grande do Sul subiu do 10º para o 2º lugar no ranking nacional do Ensino Médio público. Quais são os projetos para manter a rede em

Houve um avanço, mas a nota do Rio Grande do Sul no Ideb em 2013 no Ensino Médio foi 3,7, sequer alcançou a média, que é 4. Nos anos finais do Ensino Fundamental (6° ao 9°), nem se fala. A meta era um Ideb de 4,7, e nós obtivemos 4,2. Só superamos o índice nos anos iniciais do Ensino Fundamental (do 1º ao 5°), onde a rede pública gaúcha obteve nota 5.4. e a média era 5.2. mesmo assim não devemos nos conformar com esse índice. A situação precisa ser modificada, e isso só acontecerá a partir de um pacto, que envolva não apenas o poder público, mas também a comunidade escolar. Desde que o secretário Vieira assumiu, ele tem visitado escolas e constatado que os professores têm paixão pelo que



O Rio Grande do Sul está entre os três Estados brasileiros que ainda não cumpre a Lei do Piso de professor. Para alcançar o salário mínimo da carreira são oferecidas gratificações ou complementações. No início do ano, o secretário Vieira da Cunha participou de uma reunião no Ministério da Educação e pediu apoio federal para adotar o piso e cumprir o reajuste. Como anda esta questão? Houve algum avanço?

Em visitas a Brasília, o secretário da Educação, Vieira da Cunha, tem buscado ajuda do Governo Federal para o pagamento do piso do magistério. Na Câmara dos Deputados, há um projeto de lei que obriga o Governo Federal a repassar recursos aos Estados e municípios que não consigam pagar piso aos professores. Nossa luta é para que haja rapidez na tramitação deste proieto.

O que pode ser feito para aumentar a autoestima de nossos professores?

A remuneração é um ponto importante no processo de valorização. O governo se empenha em pagar o piso e, enquanto isto não é possível, é pago um completivo para que nenhum professor do Estado receba menos do que determina a lei. No entanto, nós acreditamos que existam outras formas de valorizar um servidor, e a principal delas é o diálogo. Eles atuam na ponta do sistema, sabem da realidade. Quando se ouve um professor, um funcionário, os pais ou os alunos, as decisões são benéficas para o processo educacional. O secretário e toda equipe da Seduc tem feito isso incansavelmente, recebendo e ouvindo a comunidade escolar em

inúmeras audiências com entidades representativas de classe as diversas visitas

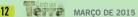
em escolas.

Como o senhor define um bom professor? Um bom professor, acima de tudo, é aquele profissional que traz consigo a vocação de ensinar. E esta qualidade a nossa rede possui em grande escala. Temos centenas de excelentes professores, apaixonados pelo que fazem e que são verdadeiros agen-

tes transformadores da sociedade. 🥙

A grande meta da nossa administração é a implantação gradual das escolas de tempo integral, onde as crianças permanecerão, diante de orientação pedagógica, por dois turnos.









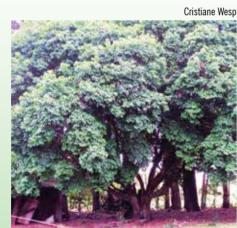
Extrativismo de plantas nativas: atividade antiga com novo olhar

POR SÍLVIA REGINA DE OLIVEIRA MACHADO

É só olhar no dicionário. Lá está. Extrair é tirar alguma coisa do lugar onde está, do corpo em que espontaneamente ou acidentalmente se formou ou introduziu. Arrancar. sacar. Esta é à base do extrativismo, que pode ser mineral, animal ou vegetal. Esta última, chamada de extrativismo de plantas, contempla a coleta de madeira, folhas, frutos, resinas, óleos, entre outros.

O extrativismo de plantas, em sua grande maioria, é feito em espécies nativas (nascidas na região), que podem brotar espontaneamente ou serem cultivadas, até porque este tipo precisa ser reproduzido, sob pena de extinção. Seu potencial pode ser alimentar, medicinal ou paisagístico. A atividade pode ser sustentável ou não, mas a história humana tem provas suficientes do resultado gerado pelo mau uso e pela desorganização no manejo.

Cristiane Wesp, engenheira agrônoma, extensionista rural da Emater em Passo Fundo/RS, autora da tese de doutorado, finalizada em 2014, sobre caracterização morfológica, físico-química das guabirobeiras, árvore nativa do Estado gaúcho, explica que o Brasil é o país com a maior diversidade vegetal do planeta. Até aí, não há novidade. A inovação está no interesse por esse material. "As plantas nativas, em especial as frutíferas, constituem um patrimônio genético de grande valor e importância econômica, tornando-se útil em estudos botânicos, agronômicos e químicos, porque favorecem o aproveitamento sustentável de recursos genéticos existentes, possibilitam o uso consciente de inúmeras comunidades tradicionais que vivem do extrativismo e auxilia, inclusive, na preservação e manutenção desse ambiente", diz.



UM POUCO DE HISTÓRIA

Graciema Pinagé, chefe de serviço da Gerência de Florestas Comunitárias (GE-FLOC), órgão do Serviço Florestal Brasileiro

(SFB), do Ministério do Meio Ambiente (MMA), explica que o extrativismo não é novo, pois antecede a história humana. Antes da agricultura e da domesticação de animais, as primeiras populações humanas eram de caçadores e coletores, ambas as atividades extrativistas. A própria história do Brasil está fortemente ligada ao extrativismo, primeiro pela coleta de pau-brasil, depois com as drogas do sertão, o ciclo da borracha, a erva-mate, a extração madeireira de florestas em todos os biomas. A pesca artesanal é uma atividade extrativista em oposição à aquicultura, aí incluindo a coleta de caranguejos e camarões. "O que tem de atual é o reconhecimento de direito das populações que praticam essa atividade, como por exemplo, as Reservas Extrativistas, Lei de Povos e Comunidades Tradicionais, demarcação das Terras Indígenas e Territórios Quilombolas, Plano Nacional de Manejo Florestal Comunitário e Familiar e outras políticas voltadas para esses povos", exemplifica Graciema.

RESERVAS EXTRATIVISTAS

João da Matta, substituto da Coordenação de Produção e Uso Sustentável do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), autarquia do MMA, criado há 7 anos, enfatiza que hoje o extrativismo tem como conotação preservar e está mais regulamentado. A Lei 9985/2000, que depois foi normatizada pelo Decreto 4340/2002, criou o Sistema Nacional de Unidade de Conservação da Natureza (SNUC) dividida em Unidade de Proteção Integral e Unidade de Uso Sustentável. A primeira tem como objetivo preservar a natureza, com uso apenas indireto dos recursos naturais, com pesquisas e visitações. São os Parques Nacionais, as Reservas Biológicas, entre outros. Já a segunda permite a presença de populações tradicionais, que podem conservar a natureza, usando-a de forma sustentável. É neste cenário que entram as Reservas Extrativistas.

São 62 reservas extrativistas distribuídas por todo o território nacional, envolvendo 65 mil famílias tradicionais do local, e a grande maioria concentra-se no Norte do País, mais precisamente na Amazônia legal, abrangendo os estados do Acre, Pará, Rondônia, Amazonas, Roraima, Tocantins e Amapá. Mais de 70 produtos oriundos de plantas, como seringa, copaíba, andiroba,



Castanha-do-Brasil, uma das principais fontes de renda da atividade extrativista do



A produção média anual da Castanha-do-Brasil ultrapassa 11 mil toneladas

açaí, castanha do pará, madeira, e plantas medicinais. são coletados.

Ainda não há dados globalizados da

quantidade de produtos que saem dessas reservas, mas o pesquisador e economista Olenilson Pinheiro, da Embrapa Amazônia Ocidental, divulga que no estado do Amazonas, levantamentos desenvolvidos com o intuito de agregar valor aos produtos de forma sustentável, apontam o Acaí (fruto), Castanha-do-Brasil e Borracha como as principais fontes de renda da atividade extrativista do agricultor familiar. O primeiro tem uma produção média anual de 71.783 toneladas(t), envolvendo 6.102 agricultores, pagando R\$1.320 por tonelada. O segundo com 11.627 t atinge 5.565 produtores que recebem em média R\$2.170 por tonelada, e por último a borracha produz 1.168 t, pagando R\$3.700 para 2.792 agricultores.

Segundo o coordenador da ICMBio, a primeira vantagem de trabalhar numa reserva extrativista é a conquista do território, seguida pelos cursos de capacitação e todo o aprendizado que promove a inclusão social, agrega valor ao produto e conscientiza sobre a preservação. Mas, essa ideia não tem unanimidade, há posições contrárias às reservas extrativistas da Amazônia, e Alfredo Homma, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, faz parte desse grupo. Para ele, a situação das áreas é crítica, pois a maioria vive de transferências governamentais como aposentadoria, bolsa família. bolsa defeso, bolsa verde, etc. "A opção extrativista passou a ser considerada a grande ideia ambiental brasileira de conter o desmatamento e as queimadas na Amazônia, mas deve ser considerada com cautela. Pode precaver áreas sem pressão, mas tem pouca eficácia, uma vez que apresenta limitações com o crescimento do mercado, pois a oferta não consegue atender a demanda, criando tensão. É viável enquanto o mercado for reduzido e existir grandes estoques, servindo apenas para atender nichos de mercado ou ganhar tempo enquanto não surgirem alternativas econômicas", afirma.

Como solução, o pesquisador indica a domesticação dos recursos como o caminho mais seguro para garantir a geração de renda e emprego, proteger contra a pirataria e preservar os estoques remanescentes, como já é feito com o guaranazeiro, cupuaçuzeiro, pupunheira, jambu, acaizeiro, cinchona, seringueira, paricá, mogno, entre outros. "Concordo que nem todos os produtos podem ser domesticados, alguns apresentam grandes estoques na natureza, uns têm baixa importância econômica, existindo substitutos, e outros têm dificuldades de técnicas para plantio e longo tempo de retorno econômico, mas grande parte pode passar por esse processo. Hoje nenhuma dona de casa compra laranja, banana, feijão, carne, frango, etc., provenientes do extrativismo ou da caça, porque foram todos domesticados", enfatiza Alfredo.

João da Matta da ICMBio, reconhece que existem dificuldades. "Sabemos das explorações, mas mesmo diante das carências financeiras e humanas nosso maior desafio é qualificar, e temos conquistado bons resultados. Enquanto Instituto, nós somos responsáveis pelo uso sustentável de 5% do território nacional, o que não é pouco diante da complexidade e diversidade da floresta, de onde, posso garantir, sempre sai algum produto que usamos em nossos cabelos, corpo ou colocamos em nossa mesa", finaliza, Para Graciema Pinagé, geralmente o extrativismo predatório vem de gente de fora, como coletores itinerantes de palmito, madeireiros ilegais e outros. "Raramente é praticado pelas populações tradicionais, pois elas vivem no território, dependem daqueles recursos, e se eles se esgotarem, elas ficam sem", acrescenta.

DICOTOMIA DA DOMESTICAÇÃO

Mas afinal o que significa domesticar? Trata-se da seleção e adaptação de certos seres vivos, daqueles considerados úteis para suprir necessidades humanas. Ao longo de milhares de anos, esse processo acarretou modificações em várias características originais dos seres domesticados, chegando em muitos casos ao desenvolvimento de dezenas de raças, como os cães e gatos.

Diante disso, a ação é benéfica para o desenvolvimento da humanidade, porém é extremamente prejudicial à natureza e à ecologia, já que, em contraste com a seleção natural, a domesticação provoca uma seleção artificial de alguns em detrimento de outros que o ser humano procura eliminar por considerar hostil a sua sobrevivên-

Portanto, a domesticação é um fator de redução da biodiversidade e acaba por ser maléfica ao ser humano, na medida em que ele também sofre as consequências de problemas ambientais gerados pela ação em grande escala. Será que é esse modelo que precisamos, será que realmente não estamos novamente repetindo os erros do passado? Fica aqui a pergunta.

DADOS DO RIO GRANDE DO SUL

Polêmicas à parte, no Estado gaúcho os arranjos produtivos tendem a ser um pouco mais harmoniosos, não somente por ter uma história mais recente, mas também porque envolvem um número menor de pessoas e de produtos. Prova disso são os inúmeros encontros, seminários e afins, promovidos por Ongs e Universidades, por exemplo, que proporcionam a reunião entre os vários atores da cadeia produtiva, além de professores, alunos, técnicos, na tentativa de construir um paradigma compatível com a vida diversa e com a justiça, para todos, com uma visão mais ampla do que somente o lucro, explica o professor Paulo Brack, do Departamento de Botânica da UFRGS.

Isso não significa que o RS tem uma posição tranquila frente a todo o País no que se refere à exploração desenfreada, muito pelo contrário, a lógica econômica imediatista, também existe aqui, comenta Brack. Muitas plantas desapareceram, algumas chegaram à quase extinção, como butiás, e a extração de outras é proibida, como o caule do xaxim. O advento do petróleo acabou com muitas culturas extrativistas e centenas de plantas ligadas a nossa economia, mas hoje estamos tentando fazer um resgate, ensina o professor. Cristiane Wesp, doutora em Fitotecnia, divulga em sua tese de doutorado que na atualidade, as principais atividades derivadas de extrativismo vegetal provêm do uso do pinhão da araucária, do palmito da juçara, dos produtos da erva-mate, de algumas frutas como butiá, a polpa da palmeira juçara, fibras madeira, samambaia preta, orquídeas, bromélias, etc, a maioria realizada no bioma Mata Atlântica, onde ainda são encontradas manchas de Florestas Ombrófila Mista, apesar dos desmatamentos já ocorridos e das extensas áreas cultivadas com monocultura.

Nessas áreas há também várias espécies nativas de pequenos frutos pertencentes à família Myrtaceae, como pitangueira, jabuticabeira e a guabirobeiras, que despertam o interesse das indústrias alimentícias, farmacêuticas e de cosméticos, pelo valor alimentício e nutricional, além de ser antioxidante e funcional. Agregado a este fato, abrese uma grande possibilidade aos pequenos produtores rurais, que ainda se utilizam da

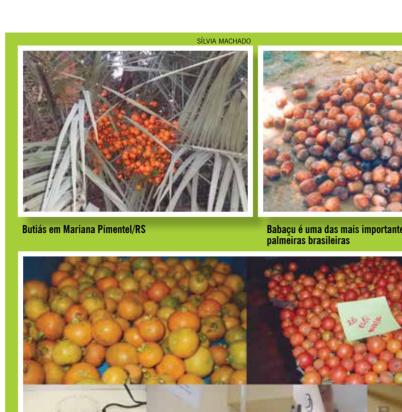
coleta extrativista para a produção de sucos, geleias e doces, através de suas agroindústrias familiares, contribuindo para a agregação de valor e possibilitando a diversificação e aumento de renda, principalmente para nichos de mercados ávidos por novidades, expõe a extensionista rural.

ATORES DESTE CONTEXTO

Diante disso, a Agroindústria Bellé, em Antônio Prado/RS, arregacou as mangas e está sabendo aproveitar. Franciele Bellé. agricultora e hoje diretora Administrativa da Agroindústria, filha dos proprietários, tem orgulho de dizer que em 2015, comemoram 25 anos de existência e 15 anos com trabalho de frutas nativas, entre elas, butiá, uvaia, guabiroba, aracá, goiaba vermelha, guabijú, ananás e sete capotes, que são transformadas principalmente em bebidas. "Estas frutas são colhidas na propriedade, em quintais, potreiros e até em pomares certificados. Buscamos trabalhar com cadeias curtas, por isso nosso maior mercado é a feira ecológica em Porto Alegre, juntamente com pequenas lojas especializadas da Região Metropolitana, Serra e em menor escala para algumas partes do Estado, também vendemos para PR, SC, PE, SP, MG, DF", conta Franciele.

Mas tudo nem sempre foi fácil. As experiências que já tinham com sucos, compotas, doces e molhos, produzidos dentro da agricultura ecológica, não afastaram o rol de dificuldades quando resolveram inovar, na virada do século, e trabalhar com plantas nativas. Primeiro, a falta de pesquisas e pouco acesso às informações. Depois a adaptação de equipamentos principalmente despolpadoras específicas, aliada à falta de condições financeiras para comprar uma câmara fria e, por fim a questão do enquadramento do produto e sua comercialização que ainda hoje são, grandes entraves, culminando com a retirada do produto em 2010 do Mercado Público de Porto Alegre pela fiscalização estadual.

"Na época, quase abandonamos a atividade. A comercialização e extrativismo das frutas ficaram praticamente proibidos, fazendo com que perdêssemos em torno de R\$ 2 mil por semana. Entretanto, quando se está no caminho certo o universo cons-



Frutos colhidos e analisados antes da comercialização

pira a nosso favor, e com a ajuda de simpatizantes pela causa, consultamos o Ministério da Agricultura sobre a melhor forma de identificação, se seria bebida, néctar ou suco, e partir desse contato batizamos o nosso artigo como Bebida da Floresta", relembra Bellé.

De lá para cá o reconhecimento veio a passos largos, não só na produção como na propriedade. Franciele destaca que são considerados por especialistas como um completo Sistema Agroflorestal (SAF), onde consorcia agroindústria, construções, lavouras, plantas nativas e exóticas, todas vivendo em perfeita harmonia. Os projetos buscam um avanço ainda maior, inclusive instalando um viveiro de mudas, para que mais pessoas possam consumir frutas nativas, e quem sabe sendo um pouco mais ousado, possam coletar frutas fresquinhas direto do né

A agricultora enfatiza que com frutas nativas não dá para enriquecer, mas ganham o suficiente para pagar as despesas "Mais importante que o dinheiro, é o reconhecimento pelo que fazemos. O prazer em saborear as frutas, ter contato com agricultores, onde sempre se aprende muito, e colaborar com a conservação da espécie e do ecossistema, isso não tem preço", conclui.

ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS

Outros atores desse contexto são o empenho de algumas organizações não governamentais, em dar a base necessária para implantação da cadeia produtiva e, como exemplo, temos o Centro de Tecnologia Alternativas Populares (CETAP), em Passo Fundo. Criado em 1986, em contrapartida às problemáticas que a "revolução verde" trouxe para a área agrária, vem se empenhando

em qualificar, capacitar, assessorar, fomentar e acompanhar os produtores em alternativas populares de produção, como agroecologia, e mais recentemente com a valorização de espécies nativas numa visão de Sistema Agroflorestal (SAF), que reúne as culturas agrícolas com as culturas florestais. Hoje vem trabalhando com pinhão, butiá, guabiroba, uvaia, araça vermelho e jabuticaba e o creem, que mesmo não sendo fruta é nativa.

Alvir Longhi, técnico agropecuário, faz parte do corpo técnico da ONG e explica que a filosofia é totalmente diferente das práticas monocultoras tradicionalmente adotadas para a produção de frutas exóticas em larga escala. A busca é pela regularização diferenciada que esteja em sintonia com a recuperação de áreas, produção ecológica e respeito às dinâmicas dos ecossistemas locais. Se tiverem o mesmo comportamento e a mesma lei que se tem para os demais produtos, as frutas nativas não serão algo promissor para os agricultores familiares e muito menos para a recomposição do meio natural

"O processo não é fácil. Por muitos anos o extrativismo de plantas nativas foi coletado por negros, caboclos, sendo caracterizado como atividade marginalizada. Ainda é visto como alimento de pobre, existe pouco conhecimento no manejo e o apoio político é para derrubar. Não tem dados oficiais e quando há, são equivocados, como foi o caso do pinhão que em 2012 teve 100 toneladas extraídas em Vacaria/RS, 100 toneladas, e o IBGE divulgou 12 toneladas, entretanto, tem aumentado nos últimos três anos. O que nos ajuda são as redes de cadeias solidárias que compram as polpas e transformam em iguarias, vendendo para restaurantes, sorveterias e afins. De janeiro de 2012 a agosto de 2013 foram comercializados em feiras, eventos e encontros, 943.135kg de polpas de frutas, 4.000 unidades de croquete de pinhão, 4.446 unidades de Pastel de Butiá, 1000 litros de sucos, 721.656Kg de frutas in natura e tantos outros produtos como salgados e sorvetes", sa-

FISCALIZAÇÃO

Na fiscalização estadual há novidades. Leonardo Urruth, chefe da Divisão de Licenciamento Florestal do Departamento de Biodiversidade (DEBIO), da Secretaria do Meio Ambiente/RS (SEMA), esclarece que apesar de não precisar de autorização ambiental para uso de plantas nativas, na esfera federal, no Estado é diferente. Aqui qualquer exploração de plantas nativas no ambiente natural ou mesmo cultivadas, requer autorização prévia do DEBIO, tanto para produtos madeiráveis como não madeiráveis, mas o processo está menos burocrático.

Fruto de vários encontros que qualificaram as discussões desde 2010, aumento na demanda por exploração econômica e a necessidade de criarem regras mais viáveis, céleres e gratuitas, no ano passado foi criada a certificação agroflorestal. Esse documento autoriza os manejos necessários para a implantação e o desenvolvimento de um sistema agroflorestal, que inclui plantios de mudas, semeadura, condução da regeneração de plantas locais, podas, cortes, colheita, coleta, e qualquer tipo de extração de plantas, desde que se limite àquele polígono da propriedade que é definido em ato da vistoria pelo técnico da SEMA. Primeiramente em áreas antrópicas (que tenha tido modificações pela ação humana), como capoeiras, roças abandonadas ou antigas potreiras. Leonardo garante que a lógica será a mesma para o extrativismo no ambiente natural. Para isso, em breve estará disponível no site da secretaria um formulário específico para ações extrativistas que deverá auxiliar no requerimento, de simples preenchimento. A certidão poderá ser renovada anualmente caso o produtor cumpra com as previsões e restrições autorizadas, explica

"Essa anuência vai permitir aos agricultores familiares, populações tradicionais, quilombolas, entre outros, a praticarem um extrativismo sustentável, bem como disciplinar os manejos realizados no campo, obtendo informações para tomada de decisões com maior permissões ou proibicões de uso de plantas nativas, nas várias regiões do Estado onde existe a cultura, como o Litoral Norte (Osório, Maguiné, Itati, Três Forquilhas, Torres e outras) que tem como carro-chefe o fruto da Palmeira Juçara, no Planalto e Campos de Cima da Serra (Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Vacaria e arredores) extrativismo da Jabuticaba, Guabiroba, Butiá, Araçá, Pitanga, Cereja, Uvaia e o pinhão de Araucária e, no Noroeste (Giruá e arredores) com a colheita de frutos do Butiá Yatay", enfatiza o Chefe do Departamento.

ARTIGO

Reflexões sobre políticas por uma nova inserção da agricultura familiar

ENGENHEIRO AGRÔNOMO ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO E EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A fome, as mudanças climáticas, o boom demográfico, a escassez da água e a crise energética são questões que devem ser levadas em conta guando o olhar estiver voltado à produção de alimentos. Primeiramente, devemos reconhecer que a base de recursos naturais essenciais para garantir essa produção e sustentar a vida no planeta, como a água e o solo, começa a ficar assustadoramente escassa, contaminada e degradada. O desenvolvimento industrial, a urbanização e outras atividades do nosso cotidiano, quando não respeitam os padrões mínimos da racionalidade, interferem negativamente nos mecanismos de renovação desses recursos naturais. O aquecimento global é fato. Os riscos climatológicos cada vez maiores, novas tecnologias, biotecnologias, irrigação e agricultura de precisão passam a ser necessidades prementes, que dependem em parte de entendimento governamental e de decisões políticas contundentes.

O Brasil tem potencial para aumentar a produção via fronteiras agrícolas e produtividade, mas tem gargalos limitadores como a logística, a armazenagem insuficiente, as hidrovias subutilizadas, as ferrovias defasadas e monopolizadas, as estradas insuficientes e mal conservadas oferecendo risco aos transportadores e os portos ultrapassados que nos prejudicam quanto à competitividade de forma global.

A verdadeira vocação dos municípios da metade sul, mais propriamente do RS, tem raízes profundas no setor primário de produção. Passamos por momentos de transformações como as novas tecnologias, a luta pela produtividade e pela agregação de valor, as mudanças climáticas, e ainda as transformações dos conceitos em relação às culturas e à pecuária. Considerando esses fatores, devemos ter em conta que o zoneamento agro climatológico é o caminho para o alcance de uma maior produtividade.

O Rio Grande do Sul possui em torno de 380 mil propriedades de agricultores familiares. Aproximadamente 40% dos estabelecimentos não contam com um jovem (considerando a faixa etária entre 15 e 29 anos) como força de trabalho para dar seguimento à atividade agropecuária da família.

Nosso Estado possui entraves na logística e isso faz com que haja perda de espaço para outros estados na produção de grãos. Ademais, com os constantes fatores climáticos adversos a safra é prejudicada, a atividade econômica é reduzida e, consequentemente há diminuição de geração de emprego e renda.

Hoje o desenvolvimento tecnológico colocou o setor primário de produção em outro contexto socioeconômico. Os principais desafios para a agricultura familiar no campo são a sucessão familiar e a educação que vise à permanência dos filhos dos agricultores no meio rural e em suas atividades.

Quanto ao agronegócio - com uma participação aproximada de 50% na economia gaúcha e 32% quando se trata de Brasil não só é importante, como decisivo. Para embasar estudos, estratégias e ações de desenvolvimento, levantamentos mostram que os anos de crise são inversamente decretados por fatores ligados à recessão, câmbio e frustração de safras.

Pelas projeções de crescimento da demanda por alimentos no mundo, até 2050 o Brasil deverá ter uma produção 50% maior que a atual, o que exige um setor de agronegócio muito bem sedimentado. Para isso, dois grandes aliados - áreas disponíveis para cultivo e o melhor e maior lencol freático de água do mundo - colaboram para que possamos diversificar nossa produção.

Devemos considerar que para capitalizarmos tais vantagens, é necessário vencermos os desafios relacionados principalmente às políticas públicas, à logística, ao custo de produção e às questões ambientais. Não menos importante é pensar em um sistema cooperativo, permanentemente focado na busca por novas tecnologias e que ofereça alternativas e ferramentas resultantes em conhecimento, eficiência e renda para as propriedades rurais.

O estímulo à industrialização familiar dos produtos agropecuários pela agregação de valor e renda à produção primária, considerando a sustentabilidade do meio ambiente e a preservação dos valores culturais, tem sido um dos mais importantes meios pelos quais as políticas públicas buscam a promoção do desenvolvimento socioeconômico dos produtores rurais. É importante salientar que a agregação de valor está diretamente relacionada às características qualitativas dos produtos devido ao caráter social associado à agricultura familiar. E é pela organização associativa desses agricultores o caminho que possibilitará a busca pela certificação dos produtos, bem como sua rastreabilidade, permitindo assim, o aumento no volume de produção, no poder de barganha e no acesso ao mercado consumidor diferenciado. Salientamos que a certificação de agricultura familiar nesses produtos já é uma garantia da ausência de riscos à saúde, chancelada pelo poder público e assegurada pelo Código de Defesa do

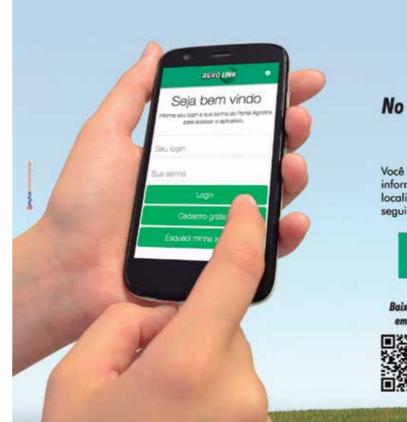
Note-se que para o tipo de produção mencionada é necessário quebrar paradigmas e vícios como a sucessão familiar nas propriedades rurais que, muitas vezes, afeta diretamente os negócios das cooperativas agropecuárias. A permanência dos jovens no campo, tendo em vista a estrutura fundiária do Rio Grande do Sul, deve estar ligada a duas premissas fundamentais: a geração de novas agroindústrias em setores e a produção de alimentos. O jovem deve receber a formação voltada a essas premissas, entendendo que para oferecer um produto diferenciado, necessitará de mão de obra qualificada e terá como garantia a agregação de valor a este produto, e consequentemente o aumento de lucro na produção.

Um trabalho voltado à educação para a agricultura familiar viabilizará a permanência do jovem no campo. Uma das estratégias a ser usada pode ser a criação de agroindústrias cooperativas. Esta forma de organização conjunta garantirá a oportunidade de trabalho e uma boa renda ao setor agropecuário, abolindo assim a ideia de que no campo não se tem oportunidades e nem



:: RETIFICAÇÃO ::

Na edição nº 40, de dezembro de 2014, a revista Letras da Terra publicou na matéria intitulada "As várias faces de uma ciência chamada Silvicultura", páginas 6 a 9, uma informação equivocada. O nome do órgão encarregado de controlar o plantio de árvores exóticas é Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luís Roessler (FEPAM) e não apenas Fundação Estadual de Proteção Ambiental, como foi divulgado. Além disso, a revista também retifica o tom de desabafo de Davi Chemello em relação às ações que deveriam ser tomadas para estagnar os níveis de desmatamento. A palayra "desabafo" é simplesmente uma forma de expressão, sem qualquer conotação de desabafo pessoal.





No campo ou na cidade, a informação precisa para o seu negócio.

Você poderá personalizar o aplicativo selecionando as informações de maior importância para o seu perfil e localização. Acesse o aplicativo e explore o conteúdo nas seguintes categorias:





















Em visita à Expodireto, AGPTEA acompanha os avanços tecnológicos para a área agrícola



Sérgio Crestani e Carlos Fernando Oliveira da Silva durante visita à Expodireto em Não me Toque

Mais de 230 mil pessoas dos cinco continentes passaram por uma das maiores feiras do agronegócio do País durante os dias 9 e 13 de março, em Não-Me-Toque, no Norte do Rio Grande do Sul. E a AGPTEA esteve lá na 16^a Expodireto Cotrijal. O presidente da Associação, Sérgio

Crestani, e o tesoureiro Carlos Fernando Oliveira da Silva, fizeram uma visita técnica no dia 10 de março para acompanhar os avanços tecnológicos apresentados para as áreas de sementes, adubos e defensivos agrícolas e também para as máquinas e implementos agrícolas.

Com o tema "Negócios que inspiram o amanhã", a edição 2015 contou com a participação de 530 expositores, distribuídos nos 84 hectares da feira, e encerrou com R\$ 2.1 bilhões em negócios durante os cinco dias de evento.

AGPTEA assina contrato para a nova Casa dos Professores no Parque de **Exposições Assis Brasil**

A primeira edição da Letras da Terra de 2015 traz uma boa notícia. O termo de uso da nova Casa dos Professores do Ensino Agrícola, sede da AGPTEA no Parque de Exposições Assis Brasil, foi, enfim, oficializado. No fim do ano passado, o presidente da Associação, Sérgio Crestani, participou de uma reunião com o secretário Estadual da Agricultura, Claúdio Fioreze, e com o subsecretário do Parque de Exposições Assis Brasil, Adeli Sell. No encontro, foi firmado o contrato que garante o uso do

tradicional espaço para receber os associados e expor projetos desenvolvidos pelos alunos, além de estimular o crescimento do setor do agronegócio e do ensino agrícola, durante a Expointer.

A área, localizada na Quadra 21 do parque em Esteio, conta com cerca de 180m² e poderá ser utilizada por 25 anos, prazo que pode ser prorrogado. A 38ª edição daquela que é considerada uma das maiores feiras do agronegócio será realizada entre os dias 29 de agosto e 6 de setembro.



AGPTEA participa de encontro em Caçapava do Sul sobre reestruturação das escolas técnicas gaúchas

A Escola Técnica Estadual Dr. Rubens da Rosa Guedes (ETERRG), em Cacapava do Sul, foi ponto de encontro para uma reunião que debateu a capacitação dos alunos nas escolas técnicas gaúchas. A instituição tem se destacado ao longo dos anos através da formação de mão de obra especializada de jovens do próprio município e de outras cidades da região. O presidente da Associacão Gaúcha dos Professores Técnicos de Ensino Agrícola (AGPTEA), Sérgio Luiz Crestani, juntamente com o secretário Fritz Roloff e o tesoureiro Carlos Fernando Oliveira da Silva, acompanhados do diretor da escola, Paulo Roberto Benitez, do secretário Ivanói Brito e do vereador Silvio Tolfo Tondo, foram recebidos pelo prefeito de Cacapava do Sul, Otomar Vivian, e seu vice Ilson Tondo.

Durante o encontro, o prefeito disse aos visitantes que o trabalho realizado pela escola é de suma importância para o desenvolvimento dos alunos, para os produtores

rurais da região e também para o Estado. Isso é comprovado, segundo Vivian, pela participação dos graduados na instituição em empresas nas mais diversas cidades do Rio Grande do Sul e do Brasil. "Nossa região tem sua economia baseada no agronegócio. e formar mão de obra qualificada auxilia no desenvolvimento do município", destaca Otomar Vivian.

Em contato com o secretário Estadual da Agricultura, Ernani Polo, a informação é de que um grupo de trabalho está sendo criado para tratar da reestruturação das escolas agrícolas do Estado, com a participação das secretarias de Educação, da Agricultura e de Desenvolvimento Rural.

Além do desempenho das escolas técnicas, a Casa dos Professores do Ensino Agrícola também foi pauta da reunião. A sede da AGPTEA no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, foi apontada como local que contribui para a integração da categoria

e como núcleo para atividades de capacitação profissional, reuniões, assembleias e exposições de trabalhos dos alunos durante a Expointer. O presidente da Associação conta que a sede foi construída com recursos da AGPTEA e lembra que no governo anterior a casa foi destruída para que a área da agricultura familiar pudesse ser ampliada. "A reconstrução ficou pela metade, pois o Ministério Público embargou a obra em decorrência de superfaturamento", relata Cres-

Por enquanto, apenas o piso inferior está completo. A AGPTEA aguarda uma definição junto com o governo gaúcho para avaliar como será o processo de reconstrução e se as obras sairão, de fato, do papel. Enquanto isso, a Associação mantém o tom de preocupação com os professores e alunos, que seguem sem acomodações adequadas para serem recebidos durante a feira.





PLANEJAMENTO PARA 2015

A Educredi, cooperativa de crédito dos professores do Rio Grande do Sul, tem em 2015 uma grande expectativa para atender bem seus associados vislumbrando novos negócios, cumprir metas, divulgar mais a instituição, aumentar os cooperados e ter o rateio de lucros no final do exercício. A Educredi continuará disponibilizando seus servicos neste período com extrema responsabilidade como instituição financeira, junto com a participação de seus associados. E vale lembrar que a Cecrers e a Educredi continuam com os cursos para seus associados durante o ano.

A Educredi e os professores

A 1^a cooperativa de crédito de professores do Rio Grande do Sul irá completar em 2015 seu 13º ano. Para ampliar seus serviços e aumentar o número de sócios, a Educredi abre suas portas a todos os professores do RS para participarem do sistema cooperativo. Como uma das maiores e mais importantes categorias para a sociedade, deve demonstrar sua capacidade de união e cooperação. Venha participar desta grande família! Cooperativa de crédito de professores é Educredi, na Av. Getúlio Vargas, 283, em Porto Alegre. Site: www.educredi.org/. Telefone: (51) 3225-5748.

Divulgação de serviços nas escolas gaúchas

Uma das metas da Educredi para 2015 é manter a divulgação da cooperativa em Porto Alegre e na Região Metropolitana, com as colaboradoras e o presidente do Conselho de Administração Carlos Fernando, tão logo as escolas iniciem suas atividades escolares, colocando a cooperativa à disposição dos professores. Empréstimos e aplicações são os principais serviços disponibilizados pela equipe de divulgação. Venha fazer parte desta cooperativa de crédito!

Novas promoções para os associados

Em 2014, a Educredi realizou várias promoções. Neste ano, vêm mais brindes, e a participação dos associados é fundamental para o sucesso da cooperativa.

Educredi informa ao associado

O Sistema de Informações de Crédito (SCR) é um instrumento de registro e consulta de informações sobre as operações de crédito, avais e fianças prestados e limites de crédito concedidos por instituições financeiras a pessoas físicas e jurídicas no País. Foi criado pelo Conselho Monetário Nacional e é administrado pelo Banco Central do Brasil, a quem cumpre armazenar as informações encaminhadas, além de disciplinar o processo de correção e atualização da base de dados pelas instituições financeiras participantes.

O SCR é o principal instrumento utilizado pela supervisão bancária para acompanhar as carteiras de crédito das instituições financeiras. Nesse sentido, desempenha papel importante na garantia da estabilidade do Sistema Financeiro Nacional e na prevenção

O sistema é alimentado mensalmente pelas instituições financeiras, mediante coleta de informações sobre as operações concedidas. Inicialmente determinou-se que as instituições enviassem informações sobre o total das operações dos clientes com responsabilidade total igual ou superior a R\$ 50.000. Paulatinamente, esse valor foi reduzido, inicialmente para o patamar de R\$ 20.000, depois para R\$ 5.000, e atualmente, são armazenadas no banco de dados do SCR as operações dos clientes com responsabilidade total igual ou superior a R\$ 1.000 a vencer e vencidas, e os valores referentes às fianças e aos avais prestados pelas instituições financeiras a seus clientes, além de créditos a liberar contabilizados nos balancetes men-

As instituições financeiras são responsáveis pelo encaminhamento sistemático de dados sobre as operações de crédito. Cumpre a elas também corrigir ou excluir as informações imprecisas. Eventuais questionamentos judiciais devem ser enviados diretamente à instituição financeira que informou os dados sobre a

A base legal para o sistema coletar e compartilhar informações entre as instituições participantes do Sistema Financeiro Nacional e o respeito à privacidade do cliente quanto ao sigilo e à divulgação de informações obedecem às condições previstas na Lei Complementar 105/01 e na Resolução 3.658 de 17/12/2008.

A qualidade das informações coletadas é essencial para garantir que se atinjam os objetivos que nortearam a implantação do SCR. Para assegurar a confiabilidade do sistema, os arquivos recebidos são submetidos a um rigoroso processo de verificação, mediante a realização de diversos testes de consistência.

OBJETIVOS

As instituições financeiras são agentes que, mediante autorização do Banco Central, captam recursos do público, principalmente sob a forma de depósitos. Também concedem empréstimos sob várias modalidades, além de aplicar em outros ativos, tais como títulos do tesouro nacional. No entanto, as instituições financeiras podem se tornar insolventes se acumularem créditos não honrados, isto é, se a clientela não conseguir pagar os valores que tomou emprestado. Daí a necessidade de o Banco Central, como órgão de regulação e supervisão do sistema financeiro, municiar-se de instrumentos de avaliação dos riscos envolvidos nas operações de crédito.

Para tanto, o SCR armazena dados sobre as operações contratadas por todas as instituições, de forma que o BC possa adotar medidas preventivas com o objetivo de proteger os recursos que os cidadãos confiam às instituições integrantes

Assim, o principal objetivo do SCR é o de reforçar os mecanismos de supervisão bancária, com aumento da eficácia de avaliação dos riscos inerentes à atividade.

Av. Getúlio Vargas, 283 Menino Deus - Porto Alegre Fone 51 3225-1897 - Fax 51 3225-5748 educredi@gmail.com - www.educredi.org



"Ser mulher...

É viver mil vezes em apenas uma vida É lutar por causas perdidas e sempre sair vencedora É estar antes do ontem e depois do amanhã É desconhecer a palavra recompensa apesar dos seus atos

Ser mulher é acima de tudo um estado de espírito, é ter dentro de si um tesouro escondido e ainda assim dividi-lo com o mundo".

A AGPTEA aproveita a data celebrada no dia 8 de março para parabenizar todas as mulheres, professoras, associadas e leitoras. Feliz Dia Internacional da Mulher! Parabéns às nossas professoras!





